

BIBLIÔ N° 3

Boletim eletrônico das bibliotecas da EBP
Fevereiro 2012

Editorial

*"Alguns livros são para ser saboreados, outros para ser engolidos
e alguns poucos para ser mastigados e digeridos"*
Francis Bacon
(London, 1561-1626)

O terceiro número do Boletim Eletrônico das Bibliotecas da EBP festeja o início de um novo ano chamando a atenção para o "dia do leitor" quem, segundo a epígrafe extraída de Bacon, não é uma figura fácil de definir. Não podemos perguntar ao amante da mulher do ladrão que foi obrigado a comer o livro até morrer.

A pergunta pelo leitor é urgente em um Brasil de quatorze milhões de pessoas que não podem ler, ou seja, que nem saboreiam, nem engolem, nem mastigam, nem digerem livros. Há os que com escassa assiduidade [média de 1,3 livro por ano por habitante segundo a triste estatística do Instituto Pró-Livro] e os que afoitos lutam para encontrar a biblioteca pública que os acolha [1 cada 33.000 habitantes]. Mais cruel é a realidade do que o Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais nos faz saber: 400 cidades carecem de bibliotecas. Por outro lado estão as distinções contemporâneas, entre os leitores: temos os funcionais, sabem ler seu nome e o destino dos buzus, os que somente lêem a Bíblia, receitas ou bulas de remédio e aqueles que sabendo ler os livros não sabem ler os fatos, e ou vice-versa.

Poetas que saboreiam a letra no canto mas não nos livros enchem as praças mas, apostamos que se eles tivessem a sorte de não morar em alguma das 400 cidades sem bibliotecas, e fossem convidados, eles nelas entrariam para sempre voltar. O trovador *Criolo* no seu [Cálice](#) se queixa do preconceito contra o analfabeto: "*Os saraus tiveram que invadir os botecos, pois biblioteca não era lugar de poesia, Biblioteca tinha que ter silêncio, e uma gente que se acha assim muito sabida*". O furo no saber nos ensina que o silêncio da ignorância não é exorcizado pela letra seja que ela se apresente falada, escrita ou cantada.

Neste número damos a palavra a Manoel de Barros da Motta que se pergunta pelo necessário para que haja civilização e Frederico Feu o acompanha na interrogação do para além da identificação com a época. Nosso mural recolhe os feitos.

Em suma, nossas bibliotecas contingentes são aqui e agora necessárias, cuidemos delas, alimentemos elas, mantenhamos as portas abertas - os *podcasts* são imprescindíveis nesta geografia que pintamos- para, uma por uma, fabricar leitores.

Marcela Antelo

LANÇAMENTOS DE Livros

“Crítica da razão punitiva: nascimento da prisão no Brasil”, Manuel de Barros da Motta (Editora Forense Universitária)

É com grande satisfação que o *Boletim das Bibliotecas da EBP* publica a entrevista feita pelo jornal O Globo ao nosso colega Manuel de Barros da Motta, pelo do seu recém-lançado livro “Crítica da razão punitiva: nascimento da prisão no Brasil” (Editora Forense Universitária), que muito nos honra com sua análise crítica do sistema penal brasileiro. Num resgate histórico, o autor aqui também nos lembra do trabalho de Jacques-Alain Miller na questão penal quando ainda fazia parte da esquerda maoísta. Agradecemos a Manuel da Motta por mais este excelente trabalho.

Maria Josefina Sota Fuentes

Questão penal e o GIP

Manuel de Barros da Motta

A prisão recente de Rafah Nacheb, psicanalista árabe na Síria durante a revolta de seu povo contra uma ditadura em crise, levantou a questão das garantias jurídicas para o exercício da psicanálise e também da coragem para exercer este ofício quando o encarceramento é uma possibilidade próxima.

A mobilização internacional produzida por Jacques-Alain Miller foi neste caso coroada de sucesso e, no Brasil, além da comunidade analítica, políticos como Fernando Henrique Cardoso e Jaques Wagner deram seu apoio.

Vale a pena lembrar como a mobilização em torno da questão carcerária tem uma ligação com a esquerda francesa – a Gauche Proletarienne – e Michel Foucault. Como se sabe, este, com Daniel Deffert e Jean Marie Domenach criaram um movimento que foi uma espécie de laboratório de novas formas de intervenção política, cuja eficácia ainda dá frutos.

A primeira enquête do G.I.P. foi realizada por Jacques-Alain Miller e François Regnault sobre a prisão de Fleury Merogis, então a “mais moderna” das prisões francesas.

A mobilização dos maoístas havia quebrado a barreira entre presos comuns e presos políticos. JAM teve a idéia – como o revelou numa entrevista feita a uma publicação da Seção de Bordeaux sobre maio de 68 – de elevar a questão penal ao primeiro plano do debate político. O que Deffert comunicou a Foucault. O G. I. P. nasce neste contexto.

Meu trabalho teve sua origem na Universidade, mas não sem que soubessem que eu – durante a ditadura que ainda existia e se encaminhava para a abertura – fora preso pelos aparelhos de segurança do regime em maio de 1971.

Eu já conhecera Michel Foucault, que me falou particularmente da natureza do poder disciplinar que pretende regular a prisão moderna aqui no Rio de Janeiro. Ele já se pronunciara sobre a questão numa de suas conferências na PUC no Rio de Janeiro. Procurei dar caráter internacional a minha enquête situando todos os elementos que no discurso ou através de viagens, congressos e inquéritos marcaram a instalação das prisões no Brasil.

Jornal O Globo

Sábado, 26 de novembro de 2011

Prosa & Verso, p. 2

Guilherme Freitas

A Prisão chega ao país já sob Críticas: Filósofo analisa em livro formação do sistema penal brasileiro, no século XIX, e suas contradições.

Uma pergunta feita por Mario de Andrade em 1922 em “Paulicéia desvairada” – “Será necessária prisão para que haja civilização?” – aparece como provação no começo e no fim do recém-lançado “Crítica da razão punitiva: nascimento da prisão no Brasil” (Editora Forense Universitária), do filósofo Manoel de Barros da Motta. Resultado de pesquisas feitas pelo autor desde os anos 1970, o livro discute a formação do sistema penal brasileiro no século XIX, quando surgem no país o primeiro Código Criminal, promulgado em 1830, e a primeira prisão, a Casa de Correção da Corte, inaugurada em 1850 (posteriormente transformada no Complexo Penitenciário Frei Caneca, no Centro do Rio, demolido em março do ano passado).

Analisando documentos oficiais e pronunciamentos de ministros da Justiça e autoridades penitenciárias da época, Barros da Motta mostra que o novo sistema penal foi recebido como um marco civilizatório numa sociedade em que os crimes eram até então punidos com castigos corporais. As Ordenações Filipinas de 1603, que regulavam a penalidade no país até o Código de 1830, previam punições como “morte natural”, “morte natural cruelmente”, açoite, mutilação, trabalhos forçados e degredo, entre outras.

Escravidão influenciou estrutura da primeira prisão

No entanto, o marco civilizatório que bania a tortura logo revelou suas limitações, afirma Barros da Motta, Apoiado em relatórios de observadores brasileiros enviados para estudar o modelo carcerário de outros países, o autor argumenta que, no momento em que esse modelo chega ao Brasil, suas deficiências já eram discutidas na Europa e nos Estados Unidos. Entre elas, estavam problemas recorrentes até hoje, como o alto índice de reincidência, a degradação e o que o autor chama de “a contradição essencial da penitenciária: reunir muitos criminosos no mesmo lugar”.

– A prisão já era muito criticada quando começou a ser implantada no Brasil. A Casa de Correção foi modelo do sistema carcerário que se irradiou para todo o país, mas essa prisão-modelo logo se tornou um lugar insalubre, onde nenhum preso sobrevivia por mais de dez anos. O que surgiu como solução virou problema – diz Barros da Motta, em entrevista por telefone, lembrando também o caso do presídio de Fernando de Noronha, mantido pelo Império apesar das experiências negativas com colônias penais insulares em outras partes do mundo, como na Austrália.

A influência estrangeira estava presente também no modelo arquitetônico da Casa de Correção, projetada como um pan-óptico, construção circular idealizada pelo filósofo e jurista britânico Jeremy Bentham no século XVIII, na qual os prisioneiros podiam ser observados a todo momento a partir de uma torre central. O efeito, porém, não foi obtido na prisão brasileira, por problemas na construção.

Mesmo com a preocupação em estudar e importar modelos estrangeiros, o sistema penal brasileiro foi moldado por uma característica definidora daquele momento da história nacional, a escravidão. “Crítica da razão punitiva” ressalta os vínculos entre as prisões e a sociedade escravagista: criada como um centro de recuperação de prisioneiros, a Casa de Correção abrigava um calabouço onde escravos eram castigados.

– A escravidão supõe o castigo. Uma sociedade fundada na escravidão admite a violência corporal na vida cotidiana. Mas a prisão, por princípio, supõe apenas a privação da liberdade, não a violência sobre o corpo do condenado. O que existia no Império era um sistema misto, uma transição da punição corporal pura da Colônia para o sistema prisional que passou a existir na República. E isso deixou marcas que existem ainda hoje – afirma o autor.

Tradutor de Foucault, autor discutiu livro com filósofo

Professor de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Barros da Motta é tradutor de Michel Foucault e responsável pela edição brasileira da série “Ditos e escritos”, com textos do filósofo francês (publicados pela Forense

Universitária e já em seu sétimo volume). Em 1977, discutiu com o próprio Foucault a pesquisa que resultaria no livro agora publicado – e que, segundo o autor, poderá render mais livros.

É a uma idéia de Foucault que o autor recorre para ilustrar a dificuldade de reformar o modelo prisional. A Casa de Correção, aponta Barros da Motta, começou como um projeto de recuperação através do trabalho, método defendido por muitos analistas ainda hoje como solução para a crise penitenciária. Mas logo o acúmulo de prisioneiros, as más condições estruturais e a falta de um projeto nacional claro e coerente fizeram com que, apenas duas décadas depois da inauguração da Casa, uma inspeção oficial constatasse que “muito se despendeu; e pode-se dizer não se ter ensaiado sistema algum”.

– Foucault diz que a prisão é, inevitavelmente, um lugar de passagem, com inúmeros canais de entrada e saída. A cadeia não é a instituição fechada que o poder deseja, ela tem mil laços com o resto da sociedade. No livro, mostro que muitas propostas atuais para melhorar as prisões já foram tentadas antes e não deram certo. Acredito que esse não é um problema exclusivamente penitenciário. Sua solução depende da organização de toda a sociedade. Não só da prisão.

SEÇÃO MINAS GERAIS

Comentário do livro *O Século*, de Alain Badiou

Frederico Feu de Carvalho

Diretor Biblioteca – EBP-MG

A Paixão pelo real

*Os Seminários da Biblioteca da EBP-MG se ocuparam, no decorrer do segundo semestre de 2011, da preparação do VIII Congresso da AMP (Buenos Aires, 2012), “A Ordem simbólica no século XXI”, examinando alguns livros que, em uma margem vizinha à psicanálise de orientação lacaniana, se propuseram a pensar o que foi a experiência do século XX e seus efeitos sobre a ordem simbólica. O que se segue contempla a leitura do livro de Alain Badiou, *O Século*, publicado na França em 2005 e traduzido para o português em 2007 pela Editora Ideias e Letras.*

I-

O que foi a experiência do século XX? Quais são seus traços mais marcantes e como podemos nomeá-los? Eis algumas das perguntas que Alain Badiou busca responder no livro em questão. Trata-se, na verdade, da compilação de uma série de conferências ministradas no *Collège International de Philosophie*, entre 1998 e 2001.

A perspectiva do filósofo se mostra, por um lado, ampla demais, atravessando os campos da arte, da política, da formalização matemática e da vida amorosa; por outro lado, é também o resultado de um esforço de síntese e de apreensão conceitual no apagar das luzes desse século intenso, decisivo e agitado.

É preciso partir de uma constatação: “o século XX aconteceu”. O livro é um desdobramento ético dessa constatação axiomática. Um acontecimento é sempre um excesso em relação à ordem simbólica na qual ele se insere. Sendo um excesso em relação aos elementos de uma situação, é necessário manter em suspenso sua indecidibilidade até que uma nomeação seja possível. *O século* é essa tentativa de nomeação de uma experiência finita, buscando dela extrair sua infinitude, aquilo que a ultrapassa. Em relação a esse acontecimento, dirá Badiou, o período que se inicia nos anos 80 é apenas uma tentativa de *restauração*, a ser visto como uma vontade de negação da verdade desse acontecimento.

Por isso, é possível também falar do século como um sujeito que teria relação com a irrupção de uma verdade, o que exige do filósofo procedimentos de análise que possam situá-lo em um ponto de vista para além da identificação com a sua época. É assim com as vanguardas artísticas, com as revoltas políticas, com as formalizações matemáticas em relação aos limites de um sistema de pensamento ou com um novo amor.

Vejo nisso parentesco entre *O século* e o ensaio de Agambem, "O que é o contemporâneo"¹. O que é mais contemporâneo do que aquilo que se encontra, em relação à sua época e seu tempo, numa certa dissociação? Ambos, aliás, partem da análise do poema do russo Óssip Mandelstam, intitulado "O século", escrito em 1923:

*Século meu, besta minha, quem poderá
mergulhar os olhos em suas pupilas
e colar com seu sangue
as vértebras de duas épocas?(...)*

II-

Partimos da premissa de que a experiência do século XX afetou de forma irremediável a ordem simbólica; ou melhor, ela é a própria alteração dessa ordem. No âmbito da psicanálise, essa alteração pode ser expressa como uma mutação discursiva imposta pelo discurso do capitalista ao discurso do mestre e, por extensão, ao discurso do inconsciente - se observarmos a homologia estrutural proposta por Lacan, em 1969, entre esses dois últimos discursos.

Esse aspecto não é a pedra de toque do livro de Badiou. Pouco se fala do simbólico, no sentido em que comumente empregamos esse termo. As primeiras tentativas de delimitação do século são matrizes históricas. Os seus acontecimentos revolucionários, totalitários, as guerras, os extermínios e a contagem dos mortos, fazem emergir a figura do crime como a categoria que daria unidade ao século. Ele culmina com a exaltação democrática e o triunfo do capitalismo e do mercado mundial. O século foi, assim, atravessado tanto pela revolução, quanto pelo totalitarismo e o liberalismo.

A questão, para Badiou, não é tanto o que aconteceu no século, mas como o século pensou a si mesmo e como se pode mediar filosoficamente tudo isso. "O dever do pensamento é o de subjetivar o século como composição viva (p. 30)", rompendo assim com os modelos mecânicos ou termodinâmicos do século XIX. Nessa perspectiva, o nazismo também foi uma das maneiras como o século pensou a si mesmo; ele foi um pensamento político e não uma ausência de pensamento (p. 14). A antinomia entre a política e a barbárie é somente uma dissimulação do fato de que a barbárie é uma figura da política. Existe o pensamento da barbárie, assim como existe razão na loucura.

O século XX começa com uma largada excepcional, dirá Badiou, considerando as duas grandes décadas entre 1890 e 1914:

Em todas as ordens do pensamento, esses anos representam período de invenção excepcional, período de criatividade polimorfa apenas comparável com a renascença florentina ou com o século de Péricles. É tempo prodigioso de suscitação e de rupturas (p. 18).

A partir de 1914, instala-se a "longa tragédia", que incluirá as duas guerras mundiais, as guerras coloniais, os períodos totalitários, os massacres. "É pesado e violento tanto quanto o início do século era inventivo e perspicaz. Existe enigma no sentido dessa sucessão (p. 19)", declara Badiou. "No fundo - eis a primeira

¹ AGAMBEN, G O que é o contemporâneo? In: *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 55-76.

pontuação forte do livro - , a partir de certo momento, o século foi obcecado pela idéia de mudar o homem, de criar um homem novo", o que equivale sempre a "exigir que o homem seja destruído (p. 21)".

Nesse sentido, o século foi "ferozmente fiel" ao seu prólogo, pois o projeto do homem novo "é projeto de ruptura e de fundação que sustenta (...) a mesma tonalidade subjetiva que as rupturas científicas, artísticas, sexuais do início do século (p. 21)". Importa que o que se designa como "homem" seja tomado na mesma dimensão material que o barro que dá forma à escultura. Trata-se, aqui, de projeto político, como o projeto revolucionário teria sustentado. Hoje, ressalta Badiou, o que resta disso é o automatismo das coisas, a possibilidade técnica - e não mais política - de tal transformação, decidida em última análise pelo progresso da ciência e pela perspectiva de lucro.

III-

O século XX é, portanto, um século voluntarista. "Ele se pensa como início de uma nova era, como infância da humanidade verdadeira, como promessa (p. 36)". À idéia hegeliana do século XIX, de confiar-se ao movimento da história, opõe-se, no século XX, a confrontação com a história para dominá-la politicamente. A questão do século, prossegue Badiou, é de como conciliar esse *voluntarismo* a que se dedica o projeto do homem novo com o *vitalismo* ao qual podemos associar a figura da besta que inicia o poema de Mandelstam.

Trata-se, aqui, de problemática nietzschiana (p. 33-34), aquela da relação entre vida e vontade. Como a vontade poderia apropriar-se da vida? Mas trata-se, igualmente, de problemática freudiana, aquela das relações entre imperativo pulsional e ideal. Como, enfim, domar a besta de acordo com uma vontade? O resultado é, com frequência, a necessidade do terror. Nesse sentido, há duplicidade na forma como o século pensa a si mesmo, pois ele é igualmente obcecado pelo seu próprio terror, que ele conhece ao menos desde a carnificina da Primeira Grande Guerra. Tudo se passa como se o século tivesse sido, desde o início, uma promessa já perdida, uma nostalgia de si mesmo, uma tentativa ortopédica de reaver, mediante o voluntarismo, o que lhe é negado por seu vitalismo ² - já que não há ligação orgânica ou espontânea entre vontade e vida.

Duas formulações são possíveis. Podemos pensar que o século XX buscou realizar o que o século XIX havia prometido, mas que encontrou apenas o seu real (p. 38). No entanto - eis a segunda asserção que podemos extrair do livro - , ele foi antes de tudo *paixão pelo real* (p. 58). A *paixão pelo real* implica, portanto, que o século se pensa como ato e não como promessa. Depurar o real significa extraí-lo da realidade que o envolve e oculta (p. 106). Daí, a luta contra os semblantes. É preciso chegar lá!

O que é essa *paixão pelo real* que anima o século XX e como ela se expressa? Ela nasce da "síntese disjuntiva" - na medida em que se trata de antagonismo não dialetizável - entre dois extremos: "o século pensou-se a si próprio simultaneamente como fim, esgotamento, decadência, e como começo absoluto (p. 56)". Disso resulta que o século viveu "sob o paradigma da guerra" (p. 60). Não se trata aqui da guerra como "momento constitutivo da autoconsciência de um povo", como diz Hegel, mas da guerra total e decisiva, tomada como "solução final", aquela que celebra a morte do homem velho e o começo do homem novo. "Uma das obsessões do século foi a de obter algo definitivo (p. 63)", o que é verdade tanto para a política quanto para a ciência, as artes ou a existência, de forma que "toda situação real é cisão, enfrentamento, guerra (p. 65)". Sua lei não é nem o Um, nem o Múltiplo, mas o Dois.

² Esse aspecto me pareceu relevante para nosso debate sobre a ordem simbólica. De fato, se a ordem simbólica é o que sustenta a confiança hegeliana de um destino da história, mediante a qual a ideia de homem se realizaria como promessa, o vitalismo é o que se opõe à condição de mortificação da coisa pelo símbolo como exigência para a efetivação da promessa.

Não é o Um, porque não existe harmonia, hegemonia do simples, poder unificado de Deus. Não é o múltiplo, porque não se trata de obter equilíbrio das potências ou harmonia das faculdades. É o Dois, e o mundo representado na modalidade do Dois exclui a possibilidade tanto de submissão unânime quanto de equilíbrio combinatório. É preciso tomar posição (...). O Dois é antidialético (p. 65).

A paixão pelo real é, portanto, antagonismo, cisão, já que a cifra do real é o Dois (p. 67). Frente a essa paixão pelo real, o período que Badiou nomeia como a *Restauração* - iniciado nos anos 80 - , nada mais é que a exclusão do antagonismo pelo cancelamento do pensamento. A restauração é, na verdade, horror ao pensamento e privilégio da opinião, o que conduz, hoje, ao fetiche dos números em detrimento da língua cada vez mais dominada pela expressão jornalística do espetáculo. Como consequência, o simbólico, a potência criativa da língua para desmontar os semblantes e fazer aparecer a contingência real, se vê abalado. De fato, para o século XX - diferentemente do século XIX, para o qual haveria acesso ao real pela via do conhecimento - há acesso ao real pela via do semblante, pela prática da interpretação ou pelo desvelamento ideológico; enfim, pela via da depuração. Mais uma vez, podemos encontrá-la tanto na política como nas artes, na formalização matemática ou na vida amorosa. Trata-se sempre de se chegar ao puro e genuíno real das coisas.

Frente a isso, Badiou concebe duas orientações. A primeira é *destrutiva*: para ela, tudo é suspeição, de forma que uma das vias da depuração acaba forçosamente por conduzir ao nada e à morte, ou seja, à impossibilidade do *semblant*, o que remete à paixão pelo autêntico e ao real como identidade, como puro desmascaramento do *semblant*. A segunda orientação é *subtrativa*: visa à distância, à diferença mínima que isola o real como tal, como um lugar contornável e anti-predicativo, "para apresentar sua axiomática (p. 94)" ou, como diz Malevitch, "para ouvir o sopro de um dia novo no deserto".

A coragem de Freud é, para Badiou, exemplo de um procedimento subtrativo. Freud não cede diante do real do sexo, não o recobre pelo sentido, não recua diante de sua angústia e evita toda apreensão moral ou cultural da sexualidade, sem fazer de sua insensatez um puro nada. De fato, podemos acrescentar a essa reflexão de Badiou que o axioma lacaniano, "não há relação sexual", faz de um inominável uma figura para o pensamento. É o que o procedimento do *passé* nos demonstra: ele nos leva a formalizar aquilo que poderia figurar apenas como o saldo cínico de uma análise.

IV-

Como o século concebeu seu próprio movimento, sua trajetória (p. 129)? Badiou propõe o termo grego "anábase" para qualificá-lo. "A *Anábase* é especificamente o título de um relato de Xenofonte que relata a história de uma tropa de cerca de dez mil mercenários gregos contratados por um dos lados numa querela dinástica na Pérsia". O termo evoca tanto a disciplina requerida para a "subida da encosta" - um de seus sentidos literais - nesta operação militar, quanto o movimento de descida, quando seu empregador persa é morto, em sua trajetória de volta para casa - "movimento de gente extraviada, fora de lugar e fora da lei (p. 130)". A *anábase* parece designar, assim, o movimento de subida e de descida que vai da disciplina à errância quando se descobre - como diz Freud em *Psicologia das Massas* - que o general perdeu a cabeça. A questão, como ressalta Badiou, é "o que é um nós que não está sob o ideal de um eu (p. 151)"?

O problema é não concluir com o fim de todo coletivo vivo, com o desaparecimento puro e simples do "nós". Recusamos dizer, com os atores da Restauração: só há indivíduos competindo pela felicidade, e toda a fraternidade ativa é suspeita (idem).

O que está em jogo aqui é, sem dúvida, a invenção de uma nova fraternidade que faça frente à destruição do laço social e ao individualismo de consumo. O que seria uma fraternidade fundada sobre um real e não sobre um ideal ou sobre uma suposta "natureza" humana? A resposta de Badiou aponta para o sujeito como efeito de um acontecimento, mediante o qual ele se supera enquanto indivíduo. Mas não fica claro, em um primeiro momento, como esta superação do "indivíduo" pelo "sujeito" levaria a um "nós" enquanto "única subjetividade real (p. 157)".

É necessário conceber que o real é cruel, que "a relação com o real nunca é dada como harmonia, ela é contradição, brusquidão, corte (p. 178)", e que "a única crueldade verdadeira é a da Ideia (180)".

É justamente o que, na crueldade [Badiou se refere aqui aos poemas de Brecht e Fernando Pessoa, longamente analisados no livro] fascina nossos artistas. Sabemos hoje que quando a Ideia está morta, o carrasco morre também. Resta saber se do voto legítimo de que morra o carrasco deve inferir-se o imperativo: "viva sem ideia!" (180).

Chega-se, assim, à temática da rebelião e à questão de como passar de um excesso negativo a um excesso criativo, ou seja, do impossível negativo ao propriamente real (p. 216).

Boa parte das iniciativas do século, tanto políticas quanto artísticas, foi dedicada a encontrar a fórmula, ponto ínfimo de fixação ao real daquilo que anuncia sua novidade, estalo na língua pela qual uma palavra, uma só, é a mesma coisa que um corpo (p. 222).

A consequência a ser extraída do enunciado - ao mesmo tempo wittgensteiniano e laciano - "não há metalinguagem", é que "a linguagem está sempre atada ao real de tal maneira que nenhuma outra tematização linguística desse nó é possível. A linguagem *diz*, e esse *dito* não pode ser re-dito com nenhum dizer pertinente (p. 210)". Esse presente real, cuja exigência ética é a formalização, é o que parece responder, para Badiou, a passagem do *eu* ao *nós*. Se o sujeito é, por fim, fidelidade a um acontecimento, é preciso que ele encontre na linguagem a maneira de dar corpo a esse acontecimento. Ora, de acordo com o modelo do *Witz*, convocar a linguagem é convocar a figura sancionadora do Outro, se o que se busca é um dizer inédito. A *forma* - seja ela forma artística ou formalização matemática - é no fundo *aquilo que o ato autoriza como pensamento novo*. A forma é, então, uma Ideia dada em seu indício material (p. 239). Compreende-se assim que a arte do século XX, a arte de vanguarda, tenha buscado insistentemente um além da obra. "Ela atesta o que há de inumano no humano. Sua destinação (...) é nada menos que forçar a humanidade a algum excesso sobre ela mesma (p. 241)".

O século acabado, temos de refazer a aposta que foi a sua, a da univocidade do real contra o equívoco do semblante (...) a guerra da formalização contra a interpretação (p. 246).

O que Badiou tem em vista como "tarefa filosófica" pode, portanto, ser definido como um *inumanismo formalizado* (p. 268). É a Idéia que se opõe ao "humanismo animal" e sem programa da aurora do século XXI, cujo imperativo é: "viva sem Idéia". Para esse humanismo, o homem existe apenas como uma abjeção animal, reduzido à sua natureza e como digno de piedade.

SEÇÃO SÃO PAULO

**M. Bernadette Soares
de Sant'Ana Pitteri
Diretora de Biblioteca**

Biblioteca é um lugar onde se guarda um "saber exposto", escritos que provocaram a censura do deus Tamuz a Toth, o inventor da escrita, quando este, muito feliz, levou a Tamuz sua criação.

"... Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação..." (*Platão, Fedro - Resposta de Tamuz a Thoth, inventor da escrita*).

Sem entrar na questão da diferença entre memória e recordação para Platão, se concordarmos com o deus Tamuz, uma Biblioteca serviria apenas para a recordação, limitando a memória dos humanos. Platão, citando a lenda vai mais longe ao censurar o escrito, que para ele, repetiria sempre o mesmo, vagando por toda a parte.

"... Falam das cousas como se as conhecessem, mas quando alguém quer informar-se sobre qualquer ponto do assunto exposto, eles se limitam a repetir sempre a mesma coisa. Uma vez escrito, um discurso sai a vagar por toda a parte, não só entre os conhecedores, mas também entre os que o não entendem ..." *Platão, Fedro*.

De acordo com Lacan, poder-se-ia dizer a Platão que um escrito jamais seria o mesmo diante dos diversos leitores, pois o significante nada significa e a significação é atributo do sujeito. Ora, uma Biblioteca guarda um material escrito que, nem pelo fato de ser sempre o mesmo deixa de ser diverso, pois serve a quem a procura, conhecedor ou não: cada qual ouvirá de modo particular o que o sempre mesmo escrito, guarda.

Uma Escola não pode passar sem uma Biblioteca, os escritos devem ter um lugar para serem organizados e catalogados, mesmo merecendo as censuras de Platão, que por sinal, são parciais: as obras de Platão que nos restaram, estão aí para confirmar. Mas uma Biblioteca não pode apenas servir como guarda de alfarrábios, deve ser um lugar onde consulta e troca de informações sejam dinâmicas. Contando com um espaço físico reduzido, a Biblioteca da Seção São Paulo vem desenvolvendo um trabalho que, com a colaboração de seus membros e correspondentes, torna-se cada vez mais vivo. Na busca de superar o problema de espaço, investimos nos meios online: movimentação do Site, criação e manutenção do Blog, Face Book e Twitter da Seção São Paulo.

A Biblioteca EBP-SP ocupa-se com tarefas rotineiras que garantem o seu funcionamento: a) Tombamento, catalogação e informatização do acervo; b) Tombamento e Catalogação das fitas-cassete do acervo; c) Tombamento e Catalogação das fitas de vídeo do acervo; d) Atendimento ao usuário, auxílio à pesquisa e fornecimento do material solicitado (em presença e através de e-mail); e) Divulgação de doações e publicações adquiridas no mês (por meio da Carta de São Paulo online, publicada com a colaboração dos membros da Comissão de biblioteca); f) Pesquisa e divulgação do material disponível na Biblioteca, sobre

assuntos em pauta na seção; g) Gravação dos eventos da Seção-SP; h) Transcrição dos eventos gravados; i) Reuniões com a 'Comissão de Biblioteca', para discussão do andamento dos trabalhos e divisão de tarefas.

Para além desse *automaton*, da rotina, a Biblioteca promove um Bazar que disponibiliza aos frequentadores dos Seminários da Seção São Paulo as publicações da EBP, incentiva a produção de Resenhas de textos ligados aos eventos promovidos pela Escola (as resenhas estão no site), inicia em março de 2012 o "*Seminário de Biblioteca*" para trabalhar as referências do Curso da orientação Lacaniana de Jacques-Alain Miller. Uma nova programação, "Sábado no Cinema", fará uma exibição bimestral, com comentários e discussões de filmes que tenham apelo psicanalítico.

As produções ligadas à biblioteca da EBP-SP podem ser acessadas no site: ebpsp.org.br >Biblioteca.

SEÇÃO RIO

Por **Andrea Reis**

- 15 a 30 de setembro de 2011: Homenagem a Lacan

Na segunda quinzena de setembro exibimos diariamente, durante todo o horário de funcionamento da Seção, em nossa sala de espera, uma coletânea de vídeos sobre Lacan e seu ensino. Quinze dias com Lacan, sua imagem, sua voz, seu texto, nos pareceu uma boa maneira de lembrar os 30 anos de sua morte, marcando a sua presença viva entre nós.

- 30 de setembro de 2011 - Em sintonia com o debate em torno do tema do próximo Congresso da AMP sobre "A ordem simbólica no século XXI", a biblioteca da Seção Rio promove um debate sobre o filme "O homem ao Lado", dos diretores Mariano Cohn e Gantón Duprat (Argentina, 2009).

Convidados: Maria Isabel Lins e Rodrigo Lyra

Coordenação: Naiana Cordeiro

Bibliografia Sugerida:

Lacan, Seminário 11 (Lições 6, 7, 8 e 9)

Wajcman, G. *L'Oeil Absolu*

Nesta atividade, depois da exibição do filme "O Homem ao lado", assistimos à apresentação dos excelentes trabalhos de Isabel Lins e Rodrigo Lyra que fizeram uma articulação entre os temas abordados no filme e a questão do olhar, tal como é extensamente tratada no livro recém lançado de Wajcman, "L'Oeil Absolut", que nos foi sugerido pela colega Ana Martha Wilson Maia. O debate foi muito rico e os trabalhos serão publicados na revista Arquivos da biblioteca nº9.

Abertura por Naiana Cordeiro

Boa noite a todos. Esse evento foi organizado pela biblioteca da Seção Rio, e pretende estar em consonância com o tema do próximo encontro da AMP: A Ordem Simbólica no Século XXI.

O filme que assistimos convoca ao debate sobre a função da ordem simbólica na atualidade, cuja precariedade abre brechas para a tensão das relações imaginárias e traz o objeto para a frente da cena. Diante da inconsistência do Outro, vemos o recrudescimento do empuxo ao gozo do supereu e o enfraquecimento do laço social. O mais-de-gozar torna-se dominante e o objeto a se impõe como uma bússola convidando os sujeitos desbussolados a ultrapassarem as inibições, como salienta Miller.

Vimos no filme como a entrada em cena da janela, que comporta a dimensão do 'olhar pela janela', do 'espiar o outro', como um 'entre dois', desestrutura a vida de Leonardo que não consegue amparar-se na lei simbólica para negociar um acordo. Enquanto isso, a tensão imaginária cresce, e os argumentos de Vitor e de Leonardo parecem ecoar no vazio da ausência do Outro. Cada personagem se coloca de seu lado da parede, na tensão própria da relação especular. Enquanto o Homem do lado sai em defesa do vizinho, para Leonardo a única saída encontrada é a morte do outro.

- 14 de outubro de 2011: Lançamento do Livro "A Vida de Lacan", de Jacques Allain Miller.

Convidados: Ondina Machado e Stella Jimenez

Coordenação: Andréa Reis

Abertura por Andréa Reis

Este lançamento faz parte das homenagens a Lacan nos 30 anos de sua morte. É neste contexto que surge o livro de Jacques-Alain Miller, que é mais do que uma homenagem. É um texto que tem a eficácia de um ato. É curto e certo. Resultado de uma decisão. Diz Miller: "É chegada a hora de falar disso. Da pessoa de Lacan". A forma que ele escolhe para falar disso não é qualquer. Depois de ter se dedicado a um seminário sobre a vida de Lacan, Escreve a toque de caixa "Vida de Lacan" sem o pronome, como seria usual. "Vida de Lacan" não é uma biografia, não é um relato que situa-se no registro da história. Miller faz referência à escrita das vidas para dizer o que é o seu livro. A escrita das vidas situa-se no registro da ética. Ele define: "Trata-se de dizer... qual foi a ética de sua vida, o que é a pessoa na verdade, em seu ser, em sua essência". Para isso ele diz que basta um pequeno fato, tomando emprestado a maneira de fazer dos Antigos: Um pequeno fato, uma bagatela, uma palavra revelam o que há de mais importante sobre uma vida. Nesta atividade, tratamos desta preciosa bagatela com a qual Miller nos presenteia. Depois desta breve abertura assistimos a apresentação dos trabalhos muito interessantes de Ondina Machado e Stella Jimenez, que estimularam um animado debate e serão publicados na revista Arquivos da biblioteca nº9.

- 18 de novembro de 2011: Apresentação do Livro de Éric Laurent "El sentimiento delirante de la vida", na Mediateca da Maison de France.

Convidados: Anamaria Lambert e Ana Tereza Groisman

Apresentação de Márcia Zucchi

Estamos aqui hoje para a apresentação do livro de Eric Laurent - "El sentimiento delirante de la vida" e gostaríamos, antes de mais nada, de agradecer à Maison de France, através da Marion, por essa parceria já antiga com a Escola Brasileira de Psicanálise, que nos permite assim, divulgar o trabalho deste psicanalista francês, membro da École de la Cause Freudienne e da Associação Mundial de Psicanálise, tantas vezes já vindo ao Brasil, e cujo trabalho de elaboração teórica é tão caro a todos nós.

Nossas colegas Ana Teresa Groisman e Anamaria Lambert nos falarão sobre dois temas abordados por Laurent neste livro: a interpretação na clínica atual e o autismo.

Mas antes gostaria de transmitir-lhes um pouco das idéias de Laurent sobre o porquê deste tema e deste título, a partir das respostas que de mesmo deu em uma entrevista a Silvia Tendlarz – psicanalista da EOL – e que estão no Prólogo do livro.

Laurent nos diz que o "sentimento delirante da vida" faz parte do modo "como se vive a pulsão" hoje, momento da civilização onde já não se encontra o pai no céu

de nossa orientação, mas sim o objeto. As evidências fundamentais da vida já não se encontram no céu estrelado e na consciência moral, como propunha Kant, mas nas evidências científicas. Em nosso céu hoje há menos estrelas e mais latuas. As certezas produzidas pela ciência quanto à natureza chegam ao ponto de fazê-la desaparecer, ao mesmo tempo em que esta mesma ciência segue incapaz de dizer-nos qualquer coisa sobre como fazer a relação sexual existir. A voz da consciência surge não como reguladora de gozo, mas como empuxo ao mais: mais prazer, mais satisfação, mais gozo. Não estamos mais em um mundo regido por ideais, mas submetidos ao imperativo do “como conseguir mais”.

Não se trata de supor, porém, que estamos em uma civilização delirante, mas que o “sentimento de vida” atual é um sentimento de vida delirante. Trata-se de uma extensão da idéia de Lacan quando afirma “todo mundo é louco, delira”. Isto é, vivemos um momento onde as ferramentas que nos guiam em matéria de gozo, e em matéria de sintoma para tratar a relação sexual, são ferramentas particulares, que não fazem nenhum universal. Assim pode-se ver que os esforços de orientação no mundo atual são muito mais em sintonia com os esforços dos psicóticos que não acreditam em um instrumento standard como o Nome-do-Pai.

O mundo atual não é standard, mas múltiplo e é lido por significantes mestre não standards que coexistem.

Laurent destaca, contudo, o efeito paradoxal da civilização globalizada, isto é: por um lado há a homogeneização produzida pelos modelos imaginários de comportamento propostos pelo discurso científico, mas por outro a pluralização dos instrumentos de leitura do mundo, o que faz dele um mundo menos standard, mais múltiplo. Há um movimento dialético entre a homogeneização imaginária e a pluralização simbólica.

Na perspectiva da clínica psicanalítica Laurent destaca que a mudança da função paterna, de uma função standard para uma função singular possibilita uma outra abordagem dos limites entre neurose e psicose. Não se trata de eliminar a diferença entre elas, mas de lê-las como modos de invenção singular, mais ou menos standards, ao modo de um esforço de invenção delirante.

Nesse sentido a pesquisa em torno dos casos que não se encaixam nos critérios da clínica clássica das neuroses e psicoses, encetou um programa de investigação – o das psicoses ordinárias - não para a construção de uma nova categorização, mas para colocar em questão toda sorte de categoria, valorizando assim a singularidade do enodamento sintomático que cada um logrou produzir em suas vidas.

Do mesmo modo, Laurent aponta a importância de distinguirmos o autismo em relação à psicose. Ainda que possamos considerar que em relação às neuroses o autismo estaria na mesma família das psicoses, não buscar sua especificidade, empobrece a pesquisa e o trabalho clínico com os autistas. A relação do autista com a língua – em especial – o Asperger - é distinta da do psicótico para quem a angústia e a perseguição se fazem presentes. O autista opera com a língua como um cálculo. Nesse sentido, seu sentimento da vida é radicalmente diferente do psicótico. Assim, ganhamos mais em separá-los do que em uni-los.

Ao final da entrevista Laurent esclarece o caráter irônico do título que eleger para esse livro: trata-se de fazer eco ao clássico de Miguel de Unamuno – “O sentimento trágico da vida” – onde o autor tentava restaurar o sentimento trágico da vida ameaçado pela razão tecnocientífica. O poeta e filósofo basco tentara apontar a perda do sentimento trágico que haveria em viver-se sob o horizonte da morte e da finitude, quando os homens se entregavam às preocupações com os bens materiais. E Laurent destaca a ironia que há em constatar-se que o sentimento da tragédia está longe do homem contemporâneo, justamente em um momento onde o mundo está cheio de tragédias.

As tragédias do Nome-do-Pai seriam de outra época. As tragédias modernas, do século XX, tragédias mundiais, supõem a perda prévia do sentimento trágico da vida. As tragédias existem, mas as vivemos com outro sentimento de vida. E é também isso que Laurent explora neste livro.

- **02 de dezembro de 2011: Lançamento e Debate sobre o Livro de Manoel Barros da Motta "Crítica da Razão Punitiva: Nascimento da prisão no Brasil"** Forense Universitária, 2011.

Convidados: Lenita Bentes e Fernando Coutinho

Coordenação: Angélica Bastos

Nesta ocasião a Biblioteca promoveu o lançamento do livro recém lançado de Manoel Barros da Motta na Sede da Seção Rio em uma atividade que foi coordenada por Angélica Bastos e contou com a apresentação dos trabalhos de Lenita Bentes e Fernando Coutinho que ressaltaram a importância da extensa pesquisa realizada por Manoel Motta e forneceram subsídios para o animado debate que veio a seguir. Os textos de Lenita Bentes e Fernando Coutinho serão publicados na revista "Arquivos da Biblioteca" nº9.

DELEGAÇÃO PARAÍBA

Por Vânia Ferreira

Lançamento livro Os nós da loucura

A Delegação Paraíba, por ocasião da sua X Jornada (Isso fala, Isso falha: O lugar do sintoma na nova ordem simbólica) teve a honra de promover o lançamento do livro do colega **Marcelo Veras: Os nós da loucura, uma experiência no país da saúde mental.**

O livro de Marcelo foi o resultado de uma tese de doutorado e também de uma experiência numa instituição de saúde mental, onde no trabalho com a Psicose, aplica com rigor ético a Orientação Lacaniana.

O evento transcorreu num clima de muito entusiasmo, tendo como pano de fundo um grupo musical, exaltando o melhor da música brasileira que animou e confraternizou os colegas que vieram participar da nossa X Jornada e prestigiar esse lançamento.

DELEGAÇÃO Geral MARANHÃO

Comentários sobre o filme "Fale com Ela"

O filme em questão, "Fale com ela", é uma trama que fala do amor, sobretudo do feminino. Também aborda temas como: sexualidade, suicídio, coma, vida, morte, levantando questões do campo ético, que hoje pode ser dialogada como em um cardápio ao gosto do freguês, segundo Gilles Lipovetsky. O estado de coma pode ser paradoxal, pois é prova que a pessoa está viva, respira, mas não demonstra ter consciência dessa situação, não faz nenhum gesto intencional, mas apresenta o registro do cérebro. Em coma, a pessoa dá a impressão de estar fora do espaço, ficando todos os dias da mesma maneira, fechada em si. Embora capaz de abrir os olhos, bocejar, ativar feições reflexas, seus movimentos provocam um efeito de susto pois se não incluem estes movimentos em uma intencionalidade e escolha, é como se não fosse propriamente humanos. Caracterizando a expressão "estar por dentro", não se pode neste estado, aceitar nem recusar nada, embora o médico esteja de posse de suas funções fisiológicas inclusive de sono e vigília. Este é um dos aspectos mais intrigantes: como dizer que uma pessoa está por fora de tudo, se ela expressa uma diferença entre dormir e acordar? É possível despertar e continuar em coma? O que é a consciência, o que é o inconsciente-real- hoje? As suas mulheres em coma, retratadas no filme, poderiam ser superponíveis, tanto pela situação de desamparo provocada pelo acidente, quanto pela referência à diferença; questão aludida por Katerina sempre à procura dos contrastes: da terra surge ... o eterno, do homem surge a mulher, da morte advém a vida. Podemos aqui também dizer, de Lydia advém de Alicia; de Benício, advém Marco?

Lydia, tão feminina embora toureira, evoca a linda canção interpretada por Maria Rita, transformando um juramento em canção. Seu papel é construído

a partir deste amor por El Nino (o menino, o filho), que pode vir quando bem entender, e só fica ao seu lado quando está ferido, e não quer compromisso. Tão forte, tão frágil, Lygia não sai do círculo e morre quando Marco se vai. O chifre do touro toca seu coração; mas é na paralisia que Marco e El Nino vão discutir suas responsabilidades. Por quem ela se sacrificou? Na eminência de uma relação com Marco, do vínculo estável, ela, Lygia – sai de cena e mostra medo em frente ao touro – o intemível outrora.

Alícia, dançarina, tão frágil e tão forte, dá a luz a filho morto, que foi gerado enquanto estava em coma. Alguma coisa que ficou dentro de Alícia; lhe deu de volta a vida; e Benigno se porta como inocente, aquele que não tem culpa. É mesmo esse efeito de desresponsabilidade que dá ao personagem uma conotação de sonso, insípido, incapaz de fazer bem, nem real, o indeciso, o "retardado" como diz o diretor do hospital. "Eu não saio nunca", diz Benigno que não sai é da posição de filho; morre preso a este círculo.

É deste campo ético que trata o filme "Fale com ela", escrito e dirigido por Pedro Almodóvar em 2003, tratando, com poesia imperdível a questão da vida, da morte, da culpa, da responsabilidade, do movimento, da transmissão da condição humana. Há um filme dentro de outro filme: um cinema mudo que diz mais do que as palavras possam representar: um casal em crise, sendo ela a cientista que não dá a atenção que ele queria receber: ela descobre uma fórmula reduz sensivelmente o tamanho dele. À noite, na cama, ele percorre o corpo da amada, tão maior que ele, e entrando na sua vagina onde dali não pode mais sair: ele se perde nela.

Há quem afirme que haja uma única dimensão da existência e prefira: A e A e não pode ser o seu contrário, ao mesmo tempo. Outros suportam melhor a tensão e a dialética da vida. Outros ainda concedem a esta experiência, a da vida, uma dimensão ética, impossível de definir exaustivamente, mas sobre a qual é possível falar com eles ou com elas. É disso que se trata o feminino: daquilo que não tem, nem nunca terá representação.

No filme, pode se reconhecer que não é possível dizer certas coisas para qualquer pessoa a qualquer hora, que há momentos edificáveis, fatos irrepresentáveis, que isso não acontece por falha ou defeito do nosso sistema de representações, mas sim, que é um dado fundamental de nossa condição. O inconsciente é marca desse defeito. O espaço vazio do indivisível é o que nos permite o deslizamento pela responsabilidade e pela imagem de si produzida no embate dentro/fora.

O ponto misterioso é o fato de que ninguém, em algum domínio, nem da ciência, nem da psicanálise, nem na filosofia, religião ou arte, conseguem fórmulas que expliquem tudo sobre a questão do que é a vida ou a morte. Cada um mentaliza a seu modo, a luz de sua subjetividade, o que constitui a singularidade de cada sujeito.

Thais Moraes

DELEGAÇÃO Geral GOIAS

Filme: "As melhores coisas do mundo" (Laís Bodanzky, 2010, Brasil)

Aconteceu no dia 20 de outubro a discussão do filme: "As melhores coisas do mundo" (Laís Bodanzky, 2010, Brasil), realizada pela equipe de biblioteca da Delegação Geral GO/DF. O evento aconteceu com o intuito de instigar, sensibilizar e provocar a todos os envolvidos com a psicanálise para o tema da nossa IV Jornada DG GO/DF: "Que lugar para o sujeito na nova ordem simbólica?". Para debater essa questão o filme mostrou com clareza alguns desafios da contemporaneidade como a homossexualidade e os novos laços familiares, a separação dos pais e a queda do ideal parental, o declínio da função paterna, o sentimento de vazio, de estranheza diante do novo que acontece na adolescência, a busca por referências, o testemunho da falta-a-ser, a relação do sujeito com seu corpo, o imperativo do gozo (drogas, festas, blog, sexo, *bulling*..), a angústia

diante da perda do objeto de amor, o sem-sentido, o encontro com o real do sexo e o não há relação sexual, entre outras questões. O filme conta como dois adolescentes de formas bem distintas encontram a sua saída para os desafios da vida e como eles elaboram sua própria fórmula, uma vez que rejeitam a fórmula do Outro. Aponta para uma travessia, um exílio necessário, para buscar um lugar onde possam ser autênticos através da sua singularidade. Obrigada a todos que estiveram presente e que contribuíram com intervenções e apontamentos que puderam enriquecer a discussão e a construção de um saber preparatório para a nossa Jornada.

Ana Paula Fernandes Rezende

Comissão: Giovana B. B. Heinemann, Ana Paula F. Rezende, Cristiano A. Pimenta

Bibliografia

XIX Encontro Brasileiro do Campo freudiano, Mulheres de hoje, Figuras do feminino no discurso analítico.

Link à tradução de **O Riso de Helena** de *Gisèle Ringuelet* publicada na **COLOFON 30** sobre **FEMINIDADES** e realizada por *Maria Bernadette Soares de Sant´Ana Pitteri* (Diretora de Biblioteca da Seção São Paulo). Bibliô agradece a colaboração de ambas, autora e tradutora.

<http://www.ebpsp.org.br/ebpsp/publier4.0/texto.asp?id=422>

Intercâmbios

Com alegria comunicamos que começou a atualização do acervo de publicações da EBP na biblioteca da ECF (Paris) após cuidadoso levantamento das responsáveis respectivas, Fernanda Otoni e Anne Charlotte Gauthier e o cuidado dos diretores de biblioteca de cada seção. Em contrapartida a ECF está atualizando o acervo das bibliotecas das seções e delegações da EBP relativo à *Revue de l'École de la Cause freudienne*, *La Lettre Mensuelle* e *Quarto*. CD com os números de 1 à 55 da *Revue de l'École de la Cause freudienne* e da *Quarto* do numero 1 a 80/81 foram enviados a todas as bibliotecas. As bibliotecas em formação receberam livros doados por Judith Miller para animar o processo. A Escola fica muitíssimo grata com seu desejo amigo.

Buenos Aires

A EBP recebeu a doação de quatro exemplares do livro de **Carlos Gustavo Motta**, *"Psicoanálisis y Sida: Estudio psicoanalítico de la enfermedad de inmunodeficiencia adquirida em la época actual"*. Buenos Aires: Aulas & Andamios, 2011. Prologado por Silvia Tendlarz trata-se de um documento de valor ímpar e de um gesto que agradecemos vivamente.

Intercâmbios da FIBOL: Lista de distribuição eletrônica aberta para todos os interessados na "função biblioteca". Quem quiser se inscrever nesta lista deve enviar um email Jesús Ambel j.ambel@ilimit.es ou para Adriana Testa adrianatesta@ciudad.com.ar solicitando a inclusão de seu endereço eletrônico.

Bibliotechné

Estamos planejando um novo sistema de empréstimo com base no PHL. **Edson R. Mohr** [bibliosc@oletelecom.com.br], Bibliotecário CRB 14/1040, *Escola Brasileira de Psicanálise Seção SC*, é o novo moderador do grupo de trabalho dos bibliotecários da EBP. [bibliotecariosdaebp@googlegroups.com]. Nela se elaboram os padrões de

catalogação, modalidades de indexação, uso do *thesaurus*, relatórios de pesquisa, etc. Atualmente se empenham em definir uma política de empréstimos.

Expediente

Editora: **Marcela Antelo**. Equipe: **Ana Martha Maia, Frederico Feu de Carvalho, Fernanda Otoni, Jordan Gurgel, Maria Josefina Fuentes. Ondina Machado** (Diretora Secretária da EBP)

Escola Brasileira de Psicanálise

Rua Felipe dos Santos 588, Lourdes, Belo Horizonte, MG

Telefone: 31-32927563

ebp@ebp.org.br - www.ebp.org.br